

**MARCIA
HAYDÉE**

**JOHN
NEUMEIER**

**RICHARD
CRAGUN**

e solistas do
**BALLET DE
STUTTGART**

PHILIPS



COMPACT DISC PLAYER CD 204 PHILIPS. O SOM DIGITAL A LASER.

COMPACT
disc
DIGITAL AUDIO



NENHUM RUÍDO ENTRE A MÚSICA E A SUA EMOÇÃO.

O CD 204 Philips é o único Compact Disc Player com toda a tecnologia de quem inventou o revolucionário sistema de som digital a laser - Compact Disc Digital Audio.

Neste sistema, a música é gravada em um pequeno disco prateado, em forma de sinais digitais, a mesma linguagem dos computadores. Estes sinais são lidos dentro do toca-discos por um raio laser ultrapreciso e convertidos novamente em música. Resultado: ausência total de chiados, ruídos ou distorções. E presença absoluta do mais puro som e da emoção. Graças ao sistema óptico de leitura a laser, não existe contato físico, atrito, com o disco. E sem atrito não há desgaste: a durabilidade do disco é praticamente eterna. No CD 204 Philips essa tecnologia de última geração se traduz em simplicidade e versatilidade de operação.

Bastam simples toques em suas teclas para você programar as

músicas desejadas, na sua ordem preferida. O Compact Disc Player

CD 204 Philips é totalmente compatível com o seu sistema de som. Basta conectá-lo à entrada auxiliar do seu amplificador que tudo está pronto para você viver o mais revolucionário som do mundo.

PRODUZIDO
NA ZONA FRANCA
DE MANAUS



**Compact Disc Philips.
A origem do som puro e perfeito,
para sempre.**

SOCIEDADE CULTURA ARTÍSTICA

Teatro Cultura Artística

Dia 26 de julho, às 21:00 horas
Dia 27 de julho, às 18:00 horas



AULUS PROMOÇÕES

Planejamento e Coordenação Executiva da Tournée

Marcia Haydée

John Neumeier

(artista convidado)

Richard Cragun

e solistas do

Ballett de Stuttgart

Marion Jäger

Jean-Christophe Blavier

Ulla-Mari Mäkelä

Tamas Detrich

Annie Mayet

Randy Diamond

Claudia Shinn

Benito Marcelino

Eva Steinbrecher

Marco Santi

Mila Tomsich

O BALLET DE STUTTGART

Por Klaus Geitel

Em 1968, o Ballet de Stuttgart recebeu um convite para dar um espetáculo em Schwetzingen. Por coincidência cheguei lá um dia antes da estréia e, por acaso, após ter visitado seu belíssimo castelo, encontrei John Cranko na rua. Fiquei bastante surpreendido quando ele, espontaneamente, me convidou para ver o ensaio geral de seu último ballet "Présence", que teria sua estréia no dia seguinte. Naturalmente aceitei o convite com prazer. Ao mesmo tempo, contudo, senti aquela sensação de desconforto que se sente quando se tenta imaginar o que dizer depois caso o ballet não satisfizesse minhas expectativas.

Felizmente, fiquei realmente entusiasmado com o "Présence" de Cranko. Abracei-o e lhe dei minhas mais calorosas congratulações, profetizando que seria um enorme sucesso (o que na verdade aconteceu). Fiquei espantado quando Cranko, de repente, ficou lívido. Percebi naquele instante que a única razão por que ele me havia convidado para o ensaio fora para entender seu próprio ballet de acordo com minhas reações durante sua execução. Seu trabalho, sem dúvida, lhe parecia inteiramente estranho. E era exatamente esse elemento do inconsciente em seu próprio trabalho que irritava e desconcertava Cranko, o elemento que ele não conseguia anular porque esse mesmo elemento poderia ser o elemento de Deus em sua obra. Embora Cranko não falasse em Deus nesse sentido, a influência de Deus na obra de Cranko possivelmente teve grande peso.

John Cranko era considerado um padrinho nos círculos de ballet. Conseguiu reviver o balé por sua natureza narrativa e de diversão — da maneira mais graciosa e, ao mesmo tempo, dramática. Cranko eliminou a rigidez do estilo Bolshoy. Eliminou do ballet o pathos, tornando-o humano. Ele tinha grande afinidade com todo tipo de paixão. Quando Cranko chegou a Stuttgart há exatamente 26 anos atrás, em 1961, não era de modo algum o mesmo Cranko cuja morte tão tragicamente prematura ocorreu 12 anos depois. Durante esse breve espaço de tempo até sua morte em 1973, o coreógrafo inglês, com vivência australiana, tornara-se um alemão — aliás um alemão de renome mundial — de um modo um tanto misterioso, porém não logo nos primeiros tempos.

Seu talento floresceu em Stuttgart. Sua atitude tipicamente britânica tornou-se mais conciliadora, sua estética refinada à la Royal Ballet, adquiriu uns toques um tanto mais rústicos. Cranko passou a fazer pão coreográfico, ao invés de bolo coreográfico. E o mundo gostou. A história do ballet alemão não era especialmente rica, a despeito do fato de que um dos antecessores de Cranko, duzentos anos antes, fora Jean-Georges Noverre. Em 1973, no ano em que Cranko morreu, Pina Bausch criou o Wuppertaler Tanstheatre e, ao mesmo tempo, John Neumeier passou a dirigir os destinos do Ballet na Ópera Estadual de Hamburgo.

O antigo dualismo entre a dança moderna e o ballet ganhou nova intensidade. Cranko encerrou os anos de paz nos círculos de ballet. Quando Wilhelm Furtwängler faleceu em 1954, pensou-se seriamente em encerrar as atividades da Orquestra Filarmônica de Berlim. Seria muito difícil alguém atingir os padrões de Furtwängler. Ai surgiu Herbert Von Karajan. Quando Cranko morreu em 1973, ninguém pensou em dar um fim ao Ballet de Stuttgart. Porém tão somente porque seu destino artístico parecia tão inevitavelmente selado. Mais de doze anos se passaram desde então e a Companhia ainda está de pé, proporcionando-nos uma surpresa artística após outra. Poderia se chamar isso de um tipo de milagre, se o milagre não tivesse um nome: Marcia Haydée. Seu poder integrador, seus conhecimentos artísticos e seu calor humano conseguiram manter unido aquilo que estava ameaçado de se desintegrar. Isso especialmente devido ao respeito que ela ganhou em decorrência de sua arte, seu despreendimento, seu sentido humanitário. Marcia Haydée se tornou uma figura símbolo do ballet, assim como Pavlova, Ulanova e Fonteyn antes dela; uma bailarina prestes até a ser canonizada.

Tornou-se agora evidente que John Cranko sempre foi Haydée, mais Birgit Keil, mais Richard Cragun, mais Heinz Clauss, mais Ray Bara, mais Egon Madsen, mais Susanne Hanke, a um tempo e ao mesmo tempo. O ballet de Stuttgart sempre foi mais do que apenas um homem, mesmo que seu nome fosse John Cranko. Alimentado com esse espírito, a companhia constituía uma isca física que atraía, infalivelmente, os gênios. A isca precisava ser lançada mais uma vez, e as redes da coreografia mais uma vez seriam recolhidas cheias. Foi isso que Marcia Haydée fez. Ela sabia, porém, que dois coreógrafos renomados já tinham surgido das fileiras da Companhia (e desta mesma Companhia): John Neumeier e Jiri Kylián, o primeiro então chefiando o ballet a Ópera Estadual de Hamburgo, o segundo dedicando-se ao Nederlands Dans Theatre. Mas Stuttgart não era uma daquelas poucas companhias na qual mesmo esses milagres se repetiam?

E isso aconteceu de novo. No ínterim, Willian Forsythe e Uwe Scholz, encarregados da coreografia sob Haydée, assumiram as companhias de Ballet de Frankfurt a Zurique. Não é possível semear criatividade coreográfica, porém sem dúvida pode-se colhê-la. Márcia Haydée, a diretora de ballet que alegremente se considera a faxineira da Companhia, responsável até pelos trabalhos mais subalternos, é, na realidade, uma grande proprietária do Ballet, com vastos bens coreográficos. Tem dois lugares-tenentes aplicados, John Neumeier e Maurice Béjart. Com mão suave, ela ligou Bruxelas, Hamburgo e Stuttgart formando assim o "Triângulo Dourado" — que vende para todo o mundo a droga inebriante, que cria dependência, porém, felizmente, é de todo inofensiva, chamada ballet — aclamado internacionalmente. Os talentos de Neumeier e Béjart têm um lugar de honra no repertório do Ballet de Stuttgart, e por sua vez sempre homenageiam artisticamente sua principal estrela. Que mais se pode esperar? Só muito raramente uma mulher de qualidade inspira a apenas um homem. A história comprova essa tese. O culto de personalidade em torno de Márcia Haydée, apesar disso, é bastante modesto. Ela nada mais é do que a primeira entre suas pares. E é assim que ela mesma quer. Mas, mesmo assim, ela é a primeiríssima. Porque, apesar dos inúmeros auxiliares, é ela que dá à Companhia seu equilíbrio, como Cranko fazia. Uma bailarina com pés extraordinários e mãos que não lhes ficam atrás.

Neumeier a presenteou com "A Dama das Camélias", tendo coreografado "Um Bonde Chamado Desejo" para ela. Béjart fê-la andar nos passos de Isadora. Com sua dança, Marcia Haydée explora as zonas fronteiriças da vida e as faz centros de arte.

Porém o Ballet de Stuttgart não é de modo algum "sua" Companhia de Ballet, uma equipe de dança para apresentar a arte de Márcia Haydée. O que ocorre é exatamente o contrário, e isso é que a torna mais orgulhosa e o que faz a Companhia feliz. O amplo repertório oferece uma riqueza de possibilidades para o desenvolvimento artístico de todos, e todos têm ganho com isso, brilhando individualmente.

Melinda Witham e Annie Mayet juntam-se na primeira linha de bailarinos com Birgit Keil e Susanne Hanke. Richard Cragun e Vladimir Klos tomaram a seus cuidados Tamas Detrich, Stephen Greenston e Mark McClain. E é graças a todos eles que o Ballet de Stuttgart de John Cranko continua a brilhar — muito vivo e muito atual.

Os Coreógrafos

William Forsythe

William Forsythe (nasc. 1949 em Nova York), iniciou sua carreira de coreógrafo com Elvis Presley, então Rei do Rock'n Roll, com o musical "Bye, Bye, Birdie". Sua primeira coreografia dessa sátira musical criou Forsythe para uma representação amadora numa High School de Nova York. Sua preferência por autores europeus e sua musicalidade excepcional ele talvez tivesse herdado de seu avô austríaco nascido em Bologna que foi virtuoso de concertos e professor de violino. Com ele, Forsythe aprendeu tocar violino. Ele também toca flauta e fagote. Sua grande musicalidade lhe valeu em suas primeiras coreografias profissionais em Nova York. Ponto alto era o pas-de-deux "Urlicht" para Stuttgart, para onde ele chegou em 1973 como bailarino. Seu primeiro ballet "Daphne" (música: Antonin Dvorák) confirmou todas as esperanças nele depositadas, tornando-se um sucesso internacional. Os críticos de Nova York, em 1977, por ocasião de temporada do Ballet de Stuttgart, confirmaram as qualidades já elogiadas pelos colegas alemães. Como coreógrafo contratado do Ballet de Stuttgart, ele elaborou obras tão diversas como "Flore Subsimplici" (Händel), "In Endloser Zeit" (György Ligeti), "Traum des Galilei" (Krystof Penderecki), "Orpheus" (Henze), "Lado 1 — Love Songs — Discos Antigos" (Música Popular) e "Time Circle" (Lukas Foss); a partir de 1980/81 Forsythe atua como coreógrafo independente — principalmente para o Ballet de Städtische Bühnen de Frankfurt onde ele, 1982/83 coreografou "Gänge" (Thomas Jahn), para o Nederlands Dans Theater e o Joffrey Ballet. Desde 1984/85, Forsythe é Diretor Artístico do Ballet de Frankfurt.

Azari Plissetzki

Que Azari Plissetzki já possa ostentar uma vida profissional tão variada e, sem incorrer em exagero, tão rica, ele certamente o deve ao ambiente em que ele teve a felicidade de se criar. Nascido em 1913 em Moscou, ele descende de uma família de artistas onde, em cada geração, sempre havia personalidades proeminentes. Temos aqui o Tio, Assaf Messerer, como jovem, dançarino, depois Nestor do Ballet Bolshoi, um dos professores e coreógrafos mais notáveis dessa Companhia. Esse tio dançou, coreografou, ensinou, escreveu artigos e ensaios — mais tarde, também um livro. E Raquel Messerer, uma estrela do cinema soviético, desconhecida aqui no Ocidente, mas tanto mais conhecida na União Soviética. Temos aqui Sulamith Messerer que também era célebre dançarina, sendo hoje conhecida pedagoga. Ela vive em Londres à testa de sua escola de ballet. Há também, a irmã de Azari, a mais conhecida de sua família, a "Russa Absoluta" da segunda metade de nosso século: Maja Plissetzkaja. Criado em ambiente como este, ele inicia seus estudos na Escola de Ballet Bolshoi. Eram importantes para ele como professores, seu tio — Nikolai Tarassow e Alexej Varmalow. Desde 1957, ele dançou no Ballet Bolshoi, participando de suas inúmeras tournées internacionais e alargando, dessa maneira, experiência e conhecimentos. No ano de 1963, ele aceitou um convite para o Ballet Nacional de Cuba onde ele não apenas se tornou o par de Alicia Alonso, mas atuando também como maître de ballet e coreógrafo. Lá, ele criou também sua primeira versão de Stuttgart correspondente a uma versão nova, em que apenas a concepção básica é ainda a da estréia mundial em 1973.

Prova de como ele lá esteve em seu elemento e bem sucedido é sua permanência por mais de dez anos, quando ele participou, também, da fundação da "Nova Escola de Ballet de Cuba".

Em 1973, ele retomou a atuação como coreógrafo no Ballet Bolshoi. Depois de deixar, em 1978, essa Companhia, ele trabalhou durante três anos como professor convidado no "Ballet do Século XX de Maurice Béjart", tem dessa forma contato mais próximo com Béjart e veio a conhecer essa estética de ballet, completamente diferente. De novo de volta à sua pátria, ele aceita contrato para os anos de 1981 e 1982 no Ballet Kirow em Leningrado. Também isso é de grande importância para ele. Azari Plissetzki deseja porém, continuar correr mundo, sendo que o Ballet National de Marseille, sob a direção de Roland Petit, se torna sua parada para 1983 e 1984. Entrementes, Plissetzki voltou à União Soviética, trabalhando hoje como coreógrafo no Ballet Clássico de Moscou que o liberou por alguns meses para seu trabalho com o Ballet de Stuttgart que ele já conhece das tournées dessa companhia em Leningrado e Moscou.

Dalal Achcar

Condecorada por Sua Majestade, a Rainha Elizabeth II com a O.B.E. (Order of the British Empire) e pelo Ministério da Cultura Francesa com o título de "Chevalier de L'Ordre de Arts e des Lettres", Dalal Achcar vem, desde 1981, como responsável pelo Ballet do Teatro Municipal organizando, coreografando e promovendo espetáculos de dança que trouxeram de volta com a dignidade e a beleza merecidas, o sucesso e o grande público para dentro do nosso maior Teatro. Seu grande desafio agora que aceitou dirigir o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nesta fase crítica que vive todo o país, é tocar para a frente a Associação de Amigos do Teatro Municipal entidade similar ao Friends of Covent Garden, Metropolitan Opera House, Fundação do Teatro Colon e muitas outras. Pretende Dalal com isto obter o apoio de todos os amantes e também preocupados com o desenvolvimento cultural da cidade para ter a independência necessária para produzir não só os grandes espetáculos que o Municipal merece mas também um maior número deles, aumentando o público que hoje frequenta esta casa. A idéia é: Se desejamos preservar nossa herança artística; se desejamos encorajar novos músicos, novos cantores e novos bailarinos neste país — e o reservatório de talentos é enorme — então devemos estar preparados e querer fazer alguma coisa para que isto aconteça. Se não o fizermos, e deixarmos a situação permanecer como está, com certeza mereceremos a condenação de nossos filhos e das futuras gerações deste nosso país.



John Cranko

Nascido em Rustenburg (Transvaal) em 15 de Agosto de 1927 no Sul da África; desde muito jovem, mostrava interesse pelas artes teatrais e pela dança, em particular.

Em 1946 viaja para Londres, onde é acolhido imediatamente como filho predileto do ballet inglês, com autêntico humor capta para dar nova vida numa dimensão original, e intensamente expressiva. Já muito conhecido como um brilhante e promissor coreógrafo dentre as figuras do Ballet Real de Londres, chegou a Stuttgart para formar uma Companhia juntamente com suas fortes e inovadoras idéias sobre o que deveria ser um ballet. Ninguém o identificou então, mas a chegada de Cranko foi o princípio de uma nova era na dança.

Nos doze anos que transcorreram desde 1961 até o ano de sua morte, Cranko faz do Stuttgart Ballet uma das Companhias mais interessantes no âmbito internacional; graças, sobretudo, ao repertório de suas coreografias, admiradas no estrangeiro e acolhidas com entusiasmo e satisfação incondicional na Alemanha, onde o ballet renasce extraordinariamente (ou nascia) e onde o apaixonado interesse do público se dirigia precisamente ao "tipo" de ballet que Cranko cultivou genialmente: moderno na concepção dramático-teatral, porém clássico na coreografia.

Entre as obras de Cranko, um precioso exemplo do "ballet de ação" de estilo acadêmico-moderno, de narração viva, porém denso e maduro no aspecto coreográfico, refinado e jocoso ao mesmo tempo, mencionaremos as mais famosas como: "Romeo e Julieta", "Eugene Onegin", "A Megera Domada", "Carmen", "Jeu des Cartes", "Antígona", "Pássaros Exóticos", e as versões originais de "Lago dos Cisnes", "O Pássaro de Fogo" e "Quebra-Nozes". Graças a obra de Cranko surgiram bailarinos como Birgit Keil, Egon Madsen, Richard Cragun e por certo a notável bailarina Márcia Haydée que representa a essência desta Companhia de ballet, e para quem criou um repertório, que é conhecido como o "milagre alemão" despertou, na década de sessenta a atenção do mundo do ballet e do público em geral.

A posição irrenunciável que ocupa na história do ballet moderno demonstra a vitalidade de sua obra, que longe de ser esquecida depois da morte do autor parece afirmar-se cada vez mais em todos os teatros do mundo.

Em 1973, no regresso de uma tournée pelo Canadá com sua Companhia, morre durante o voo, de um ataque cardíaco.

Maurice Béjart

Coreógrafo francês, e diretor de ballet do Ballet no Século Vinte, em Bruxelas, estudou numa escola de sua cidade natal e em Paris com Leo Staats, Lubov Egorova, Nora Kiss, Madame Roussanne, e Vera Volkova

em Londres. No início de sua carreira viajou com os ballets de Janine Charrat e Roland Petit, tendo mais tarde fundado "Les Ballets de l'Étoile", que posteriormente, em 1957, veio a se tornar Le Ballet Theatre de Paris. Depois de inúmeras tournées, coreografou "Le Sacre du Printemps" em 1959 para uma Companhia especialmente reunida. Esta se tornou a produção mais bem sucedida do Ballet do Século Vinte, com sede em Bruxelas, formado por Béjart em 1960, como seu diretor. Na década seguinte ele transformou essa Companhia numa das mais famosas do mundo, com temporadas regulares em Bruxelas e tournées permanentes por todo o globo tem atraído um público imenso, embora tenha sido sempre uma figura controversa. Desde 1960 vem criando relativamente poucos ballets para outras Companhias, além da sua, como por exemplo a de Colônia e a Ópera de Paris e, depois de uma interrupção de mais de quinze anos, voltou a criar para o Ballet de Stuttgart, no ano passado, "Operette". Após suas produções de espetáculos total nos seus primeiros anos em Bruxelas, ele se tornou o apologista de um tipo de misticismo no Ballet altamente pessoal, impregnado de influências do Oriente. Volta e meia retorna sempre aos ballets mais coreograficamente orientados, tais como "Bolero", "Nona Sinfonia" e "Ni Fleurs, ni Couronnes". Béjart tem estado à testa do Centro MUDRA de Bruxelas desde 1970, uma escola e oficina para a exploração das possibilidades do teatro total. Em 1979 escreveu suas memórias, "Un instant dans la vie d'autrui" e "Béjart on Béjart". Recebeu o Grande Prêmio do Teatro das Nações de Paris em 1960 e 1962, o Prêmio de Coreografia do Festival de Dança de Paris em 1965, e o Prêmio "Dance Magazine" em 1974.

Marcia Haydée

Quando o Ballet de Stuttgart fez sua primeira apresentação nos Estados Unidos no Metropolitan Opera House em 1969, os críticos designaram Marcia Haydée, unanimemente, como a corporificação da graça romântica. Além de sua posição como uma estrela internacional do Ballet, Haydée reina tanto como Bailarina quanto como Diretora Artística do Ballet de Stuttgart. Após estudos na Escola Real de Ballet de Londres, a Bailarina nascida no Brasil entrou para o Ballet do Marquis de Cuevas, onde permaneceu quatro anos. Em 1964 John Cranko, recém nomeado diretor artístico do Ballet de Stuttgart, convidou-a para ser primeira Bailarina. Não somente inspirou Cranko a criar a maioria de todo seu repertório em torno dela, inclusive os clássicos contemporâneos como "Romeu e Julieta", "Eugene Onegin", "A Megera Domada" e "Carmen", mas os principais coreógrafos se apressaram a criar novas obras para ela.

A colaboração com Kenneth MacMillan produziu obras como "Las Hermanas", "Canção da Terra", "Miss Julie" e "Réquiem". A Glen Tetley ela inspirou "Daphnis et Chloe" e "Voluntaries", e a John Neumeier, "Hamlet", "Connotations", o longo "A Doma das Camélias" (dedicado a Marcia Haydée), e "Um Bonde Chamado Desejo". Maurice Béjart, diretor do Ballet do Século Vinte, sediado na Bélgica, criou "La Divine" especialmente para sua luminosa qualidade artística, além do fato de ter ela tido grande sucesso dançando seus outros ballets, como por exemplo "Gaité Parisienne", "Bolero", "Les Chaises" e mais recentemente "Operette". Haydée tem incentivado o talento coreográfico de William Forsythe e Uwe Scholz, do próprio Stuttgart. Com o "premier danseur" Richard Cragun ela criou uma parceria que se tornou um "marco na história do Ballet", já há 23 anos. Em reconhecimento do mais antigo par de bailarinos na história da dança, receberam o Prêmio "Golden Shoes" da Alemanha, em 1984, tendo ela recebido também muitas outras condecorações — inclusive a Honra ao Mérito da Alemanha, o Grau de Doutorado e o Prêmio dos Críticos. Marcia Haydée já fez tournées por todo o mundo com o Ballet de Stuttgart, tendo dançado como artista convidada do Royal Ballet, do Sadler's Wells, no London Festival, no Staatsoper de Viena, no La Scala de Milão, no Festival de Edinburgo, o Royal Swedish Ballet, a Ópera de Genebra, o Ballet do Século Vinte de Béjart, o Ballet da Ópera de Paris, de Monte Carlo, e o Ballet Nacional do Canadá, além de dançar em capitais da América do Sul, inclusive São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Cidade do México, e em Companhias norte-americanas como o American Ballet Theatre, o Joffrey Ballet, os Ballets de San Francisco e de Boston. Os maiores bailarinos do mundo já foram parceiros de Haydée, inclusive Mikhail Baryshnikov, Rudolf Nureyev, Egon Madsen, Paolo Bortoluzzi, Jorge Donn e Anthony Dowell.

John Neumeier

Nascido em 1942 em Milwaukee, Wisconsin, EE. UU., onde recebeu aulas de dança de Sheila Reilly. Em Chicago, com Bentley Stone, Walter Camryn e Sybil Shearer, em Copenhague com Vera Volkova, e em Londres com a Escola do Royal Ballet. Formou-se na Universidade de Marquette, em Milwaukee, tendo obtido o grau de bacharel em Literatura Inglesa e Teatro. Em 1963 foi "descoberto" em Londres por Márcia Haydée e Ray Barra, tendo sido contratado por John Cranko para o Ballet de Stuttgart, onde dançou como solista e criou seus primeiros ballets. Em 1969 foi para Frankfurt como mais jovem Diretor de ballets da Alemanha. Suas obras logo atraíram as atenções, especialmente suas interpretações originais e novas de ballets bastante conhecidos como "O Quebra-Nozes", "Romeu e Julieta" e "Daphnis e Chloe". Em 1973 foi contratado por August Everding para dirigir o Ballet do Teatro de Ópera de Hamburgo. Sob a direção de Neumeier, a Ballet de Hamburgo se tornou um dos pontos altos do mundo do ballet da Alemanha, tendo adquirido reconhecimento internacional. A concepção de Neumeier de um Teatro de Dança tem muitas facetas: por exemplo, ele recriou os grandes ballets clássicos sob um novo enfoque dramático; fez experiências com a idéia de ballets sinfônicos, coreografando a Primeira, a Terceira, a Quarta, a Sexta e a Décima Sinfonia de Gustav Mahler, ou dando uma forma coreográfica às obras "Songfest" e "The Age of Anxiety" de Bernstein, e, talvez a obra mais importante de sua carreira, "A Paixão Segundo São Mateus". Seus Ballets dramáticos incluem "Sonho de uma Noite de Verão", com música de Mendelssohn Bartholdy, Györgi Ligeti and música mecânica tradicional; "A Dama das Camélias", com música de Chopin; "Saga of King Arthur", com música de Sibelius e Henze; "Um Bonde Chamado Desejo" baseado na peça de Tennessee Williams, com música de Prokofieff e Schnittke e "Othello" com música de Schnittke e Pärt. As Companhias com as quais Neumeier tem trabalhado, na qualidade de coreógrafo convidado, incluem o ballet de Stuttgart, o Royal Ballet de Londres, os Ballets das Óperas de Viena e Munique, o Royal Danish Ballet, o Royal Swedish Ballet, o Royal Winnipeg Ballet, o National Ballet do Canadá, o Ballet da Ópera de Paris, o Ballet do Século Vinte, o American Ballet Theatre, e os Ballets das Óperas de Varsóvia e Zurique. Além dos mais de cinquenta ballets que já criou, Neumeier dirigiu a ópera "Othello" de Verdi na Ópera Estadual Bávara em Munique, e "Orpheus and Eurydice" de Gluck em Hamburgo. Desde 1981 Neumeier tem dançado mais frequentemente. Afora sua interpretação no papel de Cristo em "A Paixão Segundo São Mateus", foi convidado a dançar em Bruxelas para o 25.º aniversário do Ballet do Século Vinte e para essa ocasião Maurice Béjart recriou seu ballet "Les Chaises" para John Neumeier e Márcia Haydée.

Richard Cragun

Além de sua estatura como estrela internacional do ballet, o nome Richard Cragun — assim como o de John Cranko e Marcia Haydée — se tornou um sinônimo do renomado Ballet de Stuttgart. Após estudos no Canadá, em Londres e na Dinamarca, Cragun que nasceu no Estado da Califórnia uniu-se a Cranko e à Companhia recém-formada, em 1962. E, a partir de "Opus I", uma seqüência de ballets importantes foram criados para ele — "Présence", Brouillards, "Poème de l'Extase", "Traces", "Initials R.B.M.E.", e seu incomparável Petruccio em "A Megera Domada". Juntamente com Cranko, Kenneth MacMillan e Glen Tetley coreografaram ballets inesquecíveis para ele e para Márcia Haydée. "Romero and Juliet", "Eugene Onegin", "Canção da Terra" e "Requiem" de MacMillan; "Voluntaries" e "Daphnis and Chloe" de Tetley, marcam os destaques desse extraordinário relacionamento. Em reconhecimento da parceria mais longa na história da dança, ele e Márcia Haydée receberam o Prêmio "Golden Shoes" da Alemanha em 1984. Durante a temporada de 1983 no Metropolitan Opera House, Cragun mais uma vez deslumbrou o público como artista convidado do Ballet Nacional de Marselha de Roland Petit. Sua interpretação extraordinária do Corcunda na obra-prima de Petit "O Corcunda de Notre Dame" mereceu grandes elogios. Cragun tem viajado por todo o mundo com o Ballet de Stuttgart, tendo dançado como artista convidado no The Royal Ballet, Sadler's Wells, London Festival; nos principais teatros de óperas da Alemanha, inclusive Berlim, Dusseldorf, Frankfurt, Hamburgo e Munique; a Ópera Estadual de Viena, o La Scala e o teatro Reggion na Itália; o Festival de Edinburgo, o Royal Swedish Ballet, a Ópera de Genebra, o Ballet do Século Vinte de Béjart, o Ballet de Marselha e de Monte Carlo, bem como os ballets da América do Sul, inclusive de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, México, o famoso Festival de Monterrey, sem mencionar importantes Companhias nos Estados Unidos, como o American Ballet Theatre, The Joffrey Ballet, os Ballets de San Francisco, Boston e Feld. Além de dançar como partenaire de Marcia Haydée, Cragun tem tido como companheiras as maiores bailarinas do mundo, inclusive Dame Margot Fonteyn, Carla Fracci, Natalia Makarova, Lynn Seymour, Violette Verdy, Dominique Shalifouni, Gelsey Kirkland, Luciana Savignano, Eva Evdokimova e Joyce Cuoco. Por realizações excepcionais do campo da dança, Richard Cragun recebeu o Prêmio Kammertänzer do Governo Alemão em 1982. Foi dos primeiros a receberem essa honraria. "Dance Magazine", a principal publicação sobre dança de seu país natal, reconheceu sua contribuição para a dança internacional com seu prêmio de 1985. Recentemente recebeu a Honra ao Mérito da Alemanha.

Programa



Love Songs

Coreografia: William Forsythe
Música de B. Bacharach, H. David, N. Ashford, U. Simpson
R. Clark, Carole King, Jerry Waxler
Canto: Dionne Warwick e Aretha Franklin
Estréia mundial: 5 de maio de 1979 por ocasião de Gala do Ballet em Munique
Estréia em Stuttgart: 9 de maio de 1979
Os textos de música popular se baseiam, não raras vezes — se bem que despercebidos — em potentes dramas cotidianos. Este ballet enfileira situações que resultam da ironia latente dessas conções aparentemente ingênuas e sentimentais.

Pausa



Aus Holbergs Zeiten (Pas de deux)

Coreografia: John Cranko
Música: Edward Grieg
(Suite para Orquestra de Cordas Op. 40 "Aus Holbergs Zeiten")
Première em Stuttgart: 13 de Maio de 1967

Annie Mayet - Tamas Detrich

Pausa



Something Special (Pas de deux)

Coreografia: Dalal Achcar
Música: Ernesto Nazareth
Figurinos: Nilson Penna
Estréia 5 de Setembro de 1981 com o Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro
Première em Stuttgart: 29 de Novembro de 1981
Piano: Linda Maria Bustani

Marcia Haydée - Richard Cragun

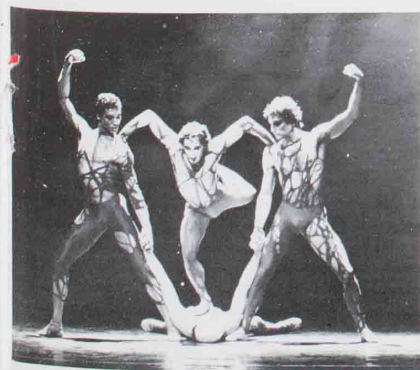
Intervalo

Canto Vital

Coreografia: Azari Plissetzki
Música: Gustav Mahler (5. Sinfonia, Rondo)
Cenários e Figurinos: Jürgen Rose
Iluminação: Hanns-Joachim Haas
Première: 22 Março de 1986

A Criatura Richard Cragun
Os Elementos Randy Diamond, Marco Santi, Benito Marcelino

O homem é criação da Natureza.
O homem entra em conflito com os elementos — os componentes básicos da Natureza.
Ele toma consciência do poder e da força deles.
Ele aprende a viver com eles, tornando-se Senhor da Natureza.



Intervalo

Programa "Les Chaises"

Anneliese Botond

Ideal e Realidade

que alcançaram o último estágio de decadência, um casal ancião — ao qual — que nem as crianças ingênuas que acreditam em contos de fadas — o desejo se torna o ideal e o ideal realidade.

Esta "farça trágica" tem o efeito de paródia do eterno desejo humano de transcendência, do sonho dourado de um mundo feliz, de do sua própria frustração. Ionesco demonstra isso em duas pessoas numa casa com água em toda sua volta e já, há muito, sem ligação com o mundo, vivem os "Velhos". Eles, com imenso carinho se chamam por apelidos aldeões. Seu relacionamento se tornou o de mãe e filho. O "velho" se parece com o menino oscilante entre petulância e inquietação, que necessita de proteção e afirmação; a "velha", Semiramis, o admira e sabe consolá-lo com palavras de tolice e amor, como as dirigidas a crianças. Ele é porteiro. Mas: "Você é um cientista", convence-o Semiramis, "você poderia ter sido presidente-chefe, sem dúvida, rei-chefe ou até médico-chefe ou marechal-chefe, se você tivesse tido vontade". Desde tempos imemoriais, o velho estava escrevendo uma Mensagem à Humanidade. Para esta noite, ele convidou todos para que recebessem a Mensagem: "Os guardiões, os bispos, os químicos, os ciganos, os delegados..., os edifícios, as canetas, os cromossomos". E, de fato, eles vêm. Primeiro, uma senhora, uma velha conhecida, depois um coronel, a bela e seu marido. Os dois velhos lhes abrem a porta, buscam cadeiras e conversam com estes visitantes só visíveis para eles e por eles "presentes" para o público.

Sempre de novo soa a compainha, fazendo os velhos correrem para abrir a porta e para trazer mais cadeiras, indicar lugares. Assoberbados por essa grande afluência, eles acabam só se virando em círculos em desatinada atividade e, separados pelo público que superlota a sala, eles se procuram com a voz. Por último, se abre o portal e, invisível, aparece o Imperador. Soluçando de alegria e emoção, o velho cumprimenta a Augusta Majestade. Finalmente, o velho pode se justificar perante a suprema instância: Não sou mais que um porteiro, eu sofri muito, "Eu fui colecionador de desgraças, pára-raios de catástrofes... Para esquecer, Majestade, eu pretendi fazer esporte, alpinismo... eles puxaram meus pés para eu escorregar... eu queria passar sobre os Pirenéus, aí não havia mais Pirenéus". E depois ele anuncia a Mensagem e o orador que irá dizer tudo. Mas eles, os velhos, vão sair de cena com a consciência de que suas vidas se tornarão uma lenda gloriosa. O público, o mundo está presente, o orador chegou.

Eugène Ionesco

Nascido em 26 de setembro de 1912 em Slatina (Romênia) como filho de romeno e de francesa, desde 1936 casado com chinesa. Ionesco vivia alternadamente nas terras paterna e materna até que, em 1958, detentor de bolsa de estudo, foi estudar em Paris. Durante a guerra ele vivia em Marseille como redator dos "Cahiers du Sud". Sua obra tem o cunho de ansiedade existencial e aversão contra qualquer autoridade. A relação perturbada com a realidade que parecia proposital remonta provavelmente a um trauma na infância: o pai levou a mãe a tentativa de suicídio, abandonou a família, conseguiu à força o divórcio. "Tudo que tenho feito fiz, em certo sentido, contra ele". No ano de 1949, Ionesco formou, brincando, clichês lingüísticos para diálogos. "Ousadia infeliz: esmagado pelo acúmulo desses cadáveres vocabulares e embotado pelos automatismos de conversação, quase sucumbi ao nojo e a uma tristeza indescritível, a depressão nervosa e verdadeira asfixia. "Um jovem diretor levou, sem sucesso, o texto ao palco: "A Cantora Calva", estréia mundial 11 de maio de 1950 no Théâtre des Noctambules em Paris. Era o nascimento de um dramaturgo pela alienação dos chavões, um dos eventos de maior sucesso teatral. Desde então, Ionesco escreveu três dúzias de peças teatrais. Em 1952, "Les Chaises", peça de um ato, teve sua estréia mundial.

Do sentido do Teatro do Absurdo

"O mundo, às vezes, me parece vazio de conceitos e a realidade irreal. Eu quis expressar esta sensação de irrealidade, a procura de uma realidade essencial, esquecida, anônima, fora da qual não me julgo estar por meio de minhas personagens que vagam ao incoerente, não têm nada de seu, a não ser sua ansiedade, seus remorsos, suas falhas, o vazio de suas vidas. Seres que são atirados em algo que não tem sentido, só poderão parecer grotescos e seu sofrimento não mais que trágico escárnio. Como poderia eu então entender minha própria peça, já que o mundo continua incompreensível para mim? Eu aguardo que a expliquem para mim."

Eugène Ionesco

O Tempo

O que é, então, o "Tempo"? Se ninguém me pergunta, eu o sei: se eu quisesse explicá-lo a alguém, aí não o sei. Tempos são três: Passado, Presente e Futuro; ou melhor, de modo mais preciso se deveria dizer: Tempos "são três: Presente de Passado, Presente de Presente, Presente de Futuro. Porque são estes tempos uma espécie de trindade na alma, em outra parte não os vejo.

Augustinus



"Les Chaises"

Ballet de Maurice Béjart baseado na peça em um ato de Eugène Ionesco

Música: Richard Wagner
(Prelúdio para "Tristão e Isolda" e "Morte por Amor de Isolda")

Texto: Eugène Ionesco

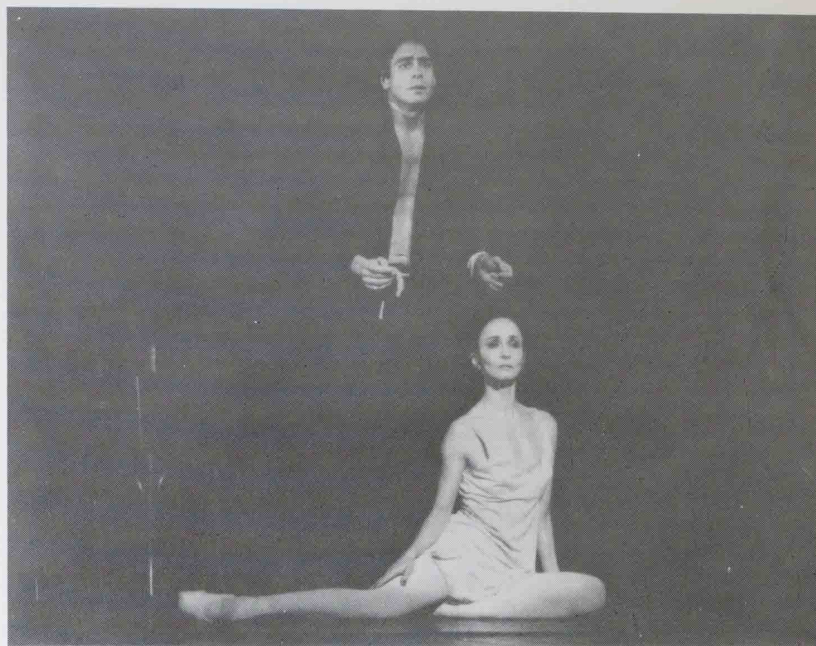
Iluminação: John van der Heyden

Estréia Mundial: 19 de junho de 1981

no Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Première na Europa: 6 de setembro de 1984 em Bruxelas

Première em Stuttgart: 7 de novembro de 1984



Marcia Haydée - John Neumeier

Agradecemos a  a sonorização deste espetáculo

AULUS PROMOÇÕES APRESENTA

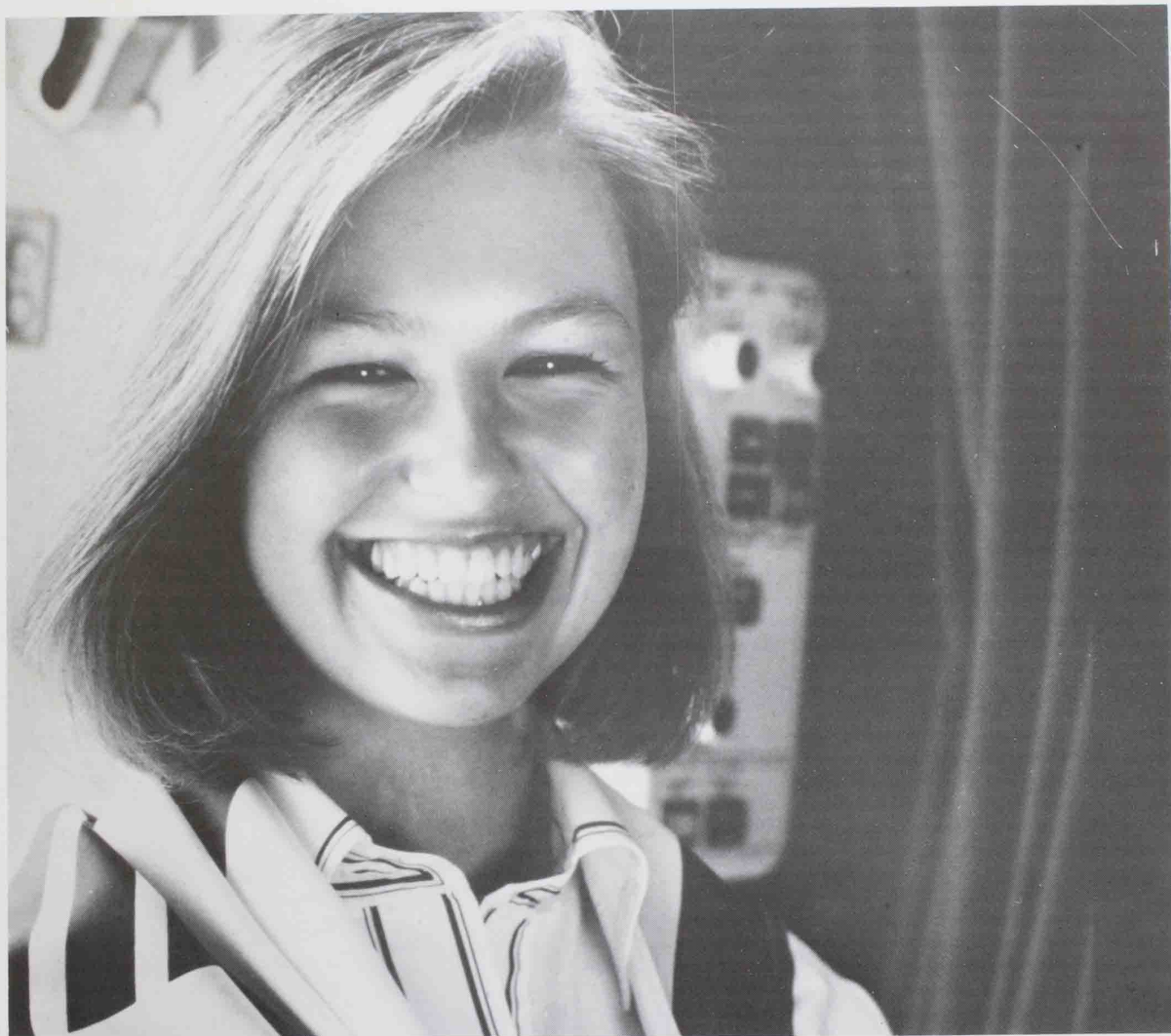
SETEMBRO

Rio de Janeiro - Sala Cecília Meirelles - dias 10 a 14
São Paulo - Teatro Sergio Cardoso - dias 16 a 18

**Cumbre
Flamenca**



Voar também é uma arte.



A Lufthansa coloca arte em tudo o que faz: nos 4 vôos à Europa por semana, via Frankfurt. Nos sorrisos das 3 aeromoças brasileiras a bordo. Na pontualidade. Viaje Lufthansa.

 **Lufthansa**

AULUS PROMOÇÕES APRESENTA

Here Comes The Happy Music!

GREAT NEW ORLEANS JAZZ
from those fabulous originals



“glistens
with
zest
and
joy”

—N.Y.
TIMES

AGOSTO
Rio de Janeiro - dia 23 - Teatro Municipal
Brasília - dia 25 - Teatro Nacional
São Paulo - dia 26 Teatro
Cultura Artística

Criação e Lay-Out
AULUS PROMOÇÕES Ltda.
LUIZ FERNANDO L. DE CARVALHO
OSWALDO NÓBREGA

Assessoria de Comunicação
SERGIO ZOBARAN comunicações



O mundo do som é mágico.

 **gradiente**

O MELHOR QUE TEMOS PARA OFERECER NÃO CUSTA NADA.

É a gentileza e a cortesia de nossa equipe quando cuida dos hóspedes. Uma atitude natural de quem escolheu o ramo de hotelaria para trabalhar.

É a dedicação de quem tem prazer de servir e ver o hóspede satisfeito. Isso existe.

É tão verdade que nossos hóspedes, sempre que voltam a São Paulo, ficam no Brasilton.

E isso também não tem preço.

BRASILTON
SÃO PAULO

H ★ ★ ★ ★ ★

O hotel de quem frequenta a cidade.



Rua Martins Fontes, 330 - Reservas: -

Linha direta gratuita - tel. 800.8222/800.8416 - SP - Tel. (011) 258.5811

Rio - tel. (021) 249.7994 Telex 011-25558 Telegrama "Brasilton São Paulo" São Paulo - SP

Um hotel Hilton do Brasil

Devido às alterações de datas ocorridas na Temporada Internacional, vimos lembrar aos Senhores Assinantes e ao público em geral o calendário definitivo das próximas apresentações da Sociedade de Cultura Artística.

BEAUX ARTS TRIO

Domingo - 28/09/86 - 17 horas

IVO POGORELICH

Terça Feira - 30/09/86 - 21 horas

QUARTETO SIBELIUS

Quarta Feira - 08/10/86 - 21 horas